

Discurso proferido no jantar de homenagem do seu 80º aniversário

Caras Amigas e Amigos,

Permitam-me que agradeça - numa primeira reacção imediata - as palavras tão vibrantes e fraternas que Vasco Vieira de Almeida, em nome dos organizadores deste "jantar de amigos", acaba de me dirigir e que tanto me sensibilizaram. À parte os excessos de amizade, naturais, numa velha convivência que começou com o Pai, o ilustre filósofo e meu saudoso professor, na Faculdade de Letras, Vieira de Almeida e que os anos se encarregaram de estreitar, mais e mais, numa cumplicidade sem mácula, tudo, na reflexão que o Vasco aqui produziu, foi perfeito: o tom, o brilho, o conteúdo!

Quero agradecer ainda, emocionado e muito grato, a presença de tantas amigas e amigos que se reuniram aqui - nesta nave tão bela e imensa, do Centro de Congressos da FIL desenhada pelo génio do meu querido e inesquecível Francisco Keil do Amaral - vindos de todos os quadrantes político-ideológicos, para festejar, em alegria, a banalidade dos meus oitenta anos. Muito e muito obrigado! Trata-se de um jantar emotivo, em que tantas recordações e afectos se cruzam e vêm ao de cima, irresistivelmente.

A ideia deste jantar nasceu, como sabem, à minha revelia, duma "conspiração" entre três amigos queridos: Vasco Vieira de Almeida, António Dias da Cunha, Victor Ramalho, com uma aliada de peso: a minha Filha, Isabel.

Quando tomei conhecimento da "conspiração", no sentido mais nobre do termo - por descuido de um dos contactados - já era tarde para voltar atrás, dado o volume das inscrições.

Na verdade, desde que entrei na Terceira Idade, deixei de gostar de fazer anos. Há muito tempo!

Lembro-me sempre dos versos do poeta João de Deus, que aprendi em pequeno:

"Com que então caiu na asneira  
de fazer na 5ª feira, vinte seis anos.  
Que Tolo!  
Ainda se os desfizesse...  
Mas fazê-los não parece  
De quem tem muito miolo."

Agora que entro resolutamente na Quarta idade - a última, inexorável - e estou a ler Cícero, "De Senectude", na tradução "Saber envelhecer", a última coisa que desejaria é que me lembrassem os anos... O livro clássico de Cícero, de grande sabedoria, foi-me dado em 1993, ainda não tinha setenta anos, pelo ilustre médico, já falecido, Prof. Machado Macedo. Mas só agora - imaginem! - o tenho estado a ler, com regalo e proveito.

Enfim... a velhice é também um tempo de aprendizagem, nada fácil por sinal. Mas neste caso, porém, não se trata de uma comemoração, mas sim de um jantar de amigos. E os amigos - é o tempo que nos ensina - são o que de mais precioso há na vida.

Acrescento: um jantar de amigos, naturalmente, preocupados com os caminhos incertos que parece seguir a Pátria. Mas não um jantar político, com objectivos determinados. Nada disso!

Fui um político, é óbvio. E por mais estranho que isso vos pareça, não o fui por determinação própria, nem, muito menos, por ambição de poder. Fui um produto das circunstâncias. Fundamentalmente, o que mais pesou nessa opção foi o meu amor à Liberdade e a

minha visceral incompatibilidade com a ditadura. Ortega y Gasset ensinou-nos que “o homem é também a sua circunstância”. Nada mais exacto!

Fui, como sabem, persistente opositor à ditadura, durante 32 anos, desde que entrei na Universidade com 17. Trinta e dois anos é uma vida! Um pouco mais – reparem! – do que os 30 de democracia, que conta a nossa II República! Pergunto: que horizonte tínhamos à nossa frente, os meus camaradas e eu próprio, nas décadas que vivemos de ditadura? Pouco mais do que a prisão, o ostracismo, a deportação e o exílio!

Podia ter morrido no exílio ou ter ficado por lá, como sucedeu a alguns outros. Mas não. Tinha 49 anos feitos, em 25 de Abril. Estava a mais de meio da vida! Regressei no comboio da liberdade, com três dos meus camaradas do PS - Ramos da Costa, Tito Morais, Fernando Oneto - e as nossas mulheres. Quando partimos de Paris, não sabíamos se seríamos presos na fronteira. Não fomos! Pelo contrário: inesperadamente, para nós, fomos recebidos em triunfo num país que vivia as primeiras horas da grande euforia da liberdade reconquistada. Inesquecível e inimaginável, uns breves dias antes!

Foi tão grande a alegria – e tão funda e inesperada – que varreu instantaneamente da minha memória todas as humilhações e discriminações do passado. Nunca ninguém me ouviu uma palavra de vingança ou de retaliação! Falei sempre, ao invés, de concórdia nacional. No Ministério dos Estrangeiros, onde entrei, pela primeira vez, já como ministro, em 16 de Maio de 1974, honro-me de não ter permitido que se fizesse qualquer saneamento.

Trazia do exílio uma ideia para Portugal e para o papel que o Partido Socialista deveria desempenhar no novo Portugal Democrático, pluralista, que pretendíamos ajudar a construir. Uma ideia simples, coincidente com os três ds. da Revolução - democratizar, descolonizar, desenvolver - com o contraponto necessário, para serem plenamente exequíveis, da adesão à CEE. Essa ideia está expressa em todos os textos que escrevi na época. Mas depois teve de ser, frequentemente, adaptada às circunstâncias complexíssimas e contraditórias com que deparámos. No contexto geral político-militar, da descolonização, das forças populares, sindicais e políticas emergentes – que reclamavam tudo, “para já” – e do interior do próprio PS, pletórico de adesões em massa. Num mês inscreveram-se cem mil novos aderentes!

Não foi fácil o percurso nem linear. Se invoco esse quadro longínquo é para vos referir as circunstâncias - e as exigências irrecusáveis - que me empurraram para uma via quase exclusivamente política, que estava longe das minhas intenções.

De resto, a política, com as satisfações e frustrações que me trouxe - muitas e sempre breves, umas e outras - foi, para mim, um caminho de certo modo redutor. Em situações normais, a vida é sempre mais importante do que a política. Ocupa-nos mais tempo: a família, as experiências que o mundo nos oferece – no percurso de cada um de nós, sempre singular e irrepetível – a escrita, para quem gosta de escrever, como eu, a profissão, o conhecimento que se vai acumulando, as viagens... Contudo, ao longo destes trinta anos, pus quase tudo entre parêntesis, por força das circunstâncias e das exigências políticas. Poderia ter sido advogado, professor, jornalista, talvez, escritor. Só episodicamente percorri cada um destes caminhos possíveis. Mas nunca me queixei - nem queixo - porque sempre o fiz com alegria e satisfação pessoal. As circunstâncias empurraram-me para a política – antes e depois do 25 de Abril – onde aliás ultrapassei, dadas as funções que exerci, largamente, tudo o que algum dia poderia ter ambicionado ou sequer imaginado.

Por isso, vos disse, há anos, e agora repito: basta! Nem política partidária, nem exercício de cargos políticos. Basta! Outra coisa é pensar a política, no plano teórico e prático, ou seja: interessar-me pelo futuro de Portugal, da União Europeia, em que Portugal está inserido, da evolução do Mundo - opinar, participar, civicamente, pela acção, pela palavra e pela escrita.

A curiosidade pelo Mundo, e pela sua transformação, pela vida e pelos outros, a abertura ao que é diferente e a alegria de viver – que nunca me abandonaram, mesmo nas circunstâncias mais penosas: na prisão, na deportação, no exílio, nos grandes reveses políticos, nas horas tristes - o desgosto pela morte de um familiar ou de um amigo – são traços da minha maneira de ser, que devo, seguramente, à minha herança genética. Nasceram comigo. Nesse aspecto – e é o único – talvez seja pouco português. Não tenho o gosto de me queixar, de me culpabilizar ou, menos ainda, de me vitimizar. Nem considero ter “o peso do mundo” em cima de mim... Tomo uma decisão e marcho em frente, feliz, sem culpabilidades nem arrependimentos excessivos.

Um dia de sol, a luminosidade de Lisboa – que tanto me faltou, no exílio – ver e sentir fisicamente o azul do nosso mar, um rosto ou um sorriso bonito com que depare, chegam para carregar as baterias do meu optimismo.

Tudo que sou - e que fui – devo-o aos outros: aos meus Pais, primeiro, que sempre me rodearam de um carinho infinito, a minha Mulher, companheira de sempre e mina retaguarda nos momentos difíceis, aos meus Filhos e Netos – os melhores do Mundo – a alguns, poucos, dos meus professores, aos meus amigos e amigas, ao longo da existência. Muitos deles tive-os - e tenho-os - como referência. Outros, foram amigos fraternos, companheiros de jornada, por vezes críticos, que me influenciaram e enriqueceram. Bastantes, desapareceram já, pela ordem natural das coisas, mas transporto-os comigo e interpelo-os, muitas vezes, recorrendo à memória afectiva - de todas a mais persistente - que deles conservo.

Uma das poucas qualidades que reivindico – e de que me orgulho – é a capacidade de fazer amigos, que conservo intacta, mesmo agora nesta fase avançada da vida. Almofadaram-me a existência. Agora, penso principalmente nos mais novos, aqueles a quem posso transmitir talvez uma certa experiência acumulada. Essa, de resto, é a única posteridade, precária, em que acredito! Por isso, cada vez mais, sinto a necessidade de escrever: perdi demasiado tempo!

Deixem-me que lhes fale agora um pouco da Pátria, que me preocupa muito. Começo por invocar os versos tão sintomáticos e extraordinários do meu malogrado amigo Alexandre O'Neil:

"Portugal: questão que eu tenho comigo mesmo,  
golpe até ao osso, fome sem entretém,  
perdigueiro marrado e sem narizes, sem perdizes,  
rocim engraxado,  
feira cabisbaixa,  
meu remorso,  
meu remorso de todos nós..."

Nunca tive uma "questão comigo mesmo" em relação a Portugal. Nem senti remorsos. Frustrações, sim; raiva, também, algumas vezes e, nos últimos 30 anos, muitas alegrias. Mas agora - reconheço, tenho que reconhecer - Portugal vai mal! Tivemos uma Revolução de sucesso, internacionalmente reconhecida como tal. Vivemos em paz e em democracia. Houve um incontestável progresso material. Mas estamos de novo – embora noutra patamar de desenvolvimento – confusos, pessimistas quanto ao futuro, bloqueados, sem horizonte e sem esperança.

Note-se, em abono da verdade, que a situação de crise não é uma especificidade portuguesa: é global. Resulta da mundialização selvagem, desregulada e sem ética, da desordem internacional e ecológica, do decréscimo do humanismo universalista e do conseqüente aumento da irracionalidade e do esoterismo, do desrespeito pelos Direitos Humanos, do excesso de consumismo, face à pobreza crescente de biliões de seres humanos, do descontrolo dos media, da criminalidade organizada, a nível internacional, do tráfico de droga, do comércio de armas, da introdução do chamado dinheiro sujo – proveniente desses comércios ilícitos – nos circuitos financeiros internacionais, da impunidade geral e da desumanidade crescente. Vamos mal! Estamos a assistir a um recuo civilizacional muito perigoso, que importa denunciar, por todas as formas, como primeira etapa para uma reacção eficaz.

Por outro lado, a crise de indefinição da União Europeia – a sua omissão no plano internacional – também nos afecta. E muito. A supremacia do mercado sobre o social, o abandono ou menosprezo do modelo social europeu, como se a economia devesse estar á frente e acima das pessoas, o rigorismo insensato dos critérios financeiros de convergência, tudo isso é criticável e devemos contribuir, pela nossa parte, para que seja mudado.

E, no entanto – atenção! – a União Europeia continua a ser a nossa âncora e a nossa esperança. Por isso sou a favor do Tratado em que o Conselho Europeu aprovou a Constituição Europeia. Sem esquecer, obviamente, a CPLP, como contraponto da opção europeia e complementaridade – à qual deveríamos dar muito mais atenção e meios – e a nossa posição: na Península Ibérica, criando um novo e fecundo relacionamento com a Espanha das nacionalidades, democrática e descentralizada, no Atlântico, na geo-estratégia mundial, no Mediterrâneo e em todos os pontos em que a nossa diáspora está radicada, por ser um valor acrescentado da nossa identidade nacional.

Responsabilizar pelos males da Pátria, exclusivamente, a Política e os políticos, é uma manifesta injustiça. Não quer isto dizer que os políticos não tenham culpas. Têm, obviamente. Mas as culpas são repartidas: a chamada sociedade civil, tão invocada, também as tem – e grandes. Os grupos económicos, os media – que, em parte, deles dependem – os magistrados e o funcionamento da Justiça, as "corporações", os lobbies negociatas, infiltrados nos Partidos e em algumas Autarquias, certos sindicatos, associações profissionais, os intelectuais que, estranhamente, silenciam as suas críticas...

Temos que fazer – todos – um acto de contrição colectivo. Não para nos autoflagelarmos. Mas para pressionar no sentido de uma mudança: acabar com a impunidade, separar o trigo do joio, entre corruptos e não-corruptos, incompetentes e competentes, através da sanção moral pública, restabelecer, como exemplo, a honradez republicana, a concepção do serviço da Res Publica, como uma honra, para servir o Estado e os outros e nunca para se servir a si próprio.

A Justiça – atempada, isenta, independente e justa – é outra das prioridades, para dar confiança aos portugueses e para prestigiar no estrangeiro o nome de Portugal. A educação é outra, uma educação profissionalizada - não teórica - de acordo com o nosso tempo, que recorra amplamente às novas tecnologias e esteja ao serviço dos grandes valores éticos, sociais e de cidadania.

Uma sociedade para ser pacífica, coesa e equilibrada tem de assentar no pilar principal da justiça social. Somos o país com maiores desigualdades no quadro europeu, onde a distância entre os mais pobres e os mais ricos é maior. É inaceitável, anos após a Revolução dos Cravos! Se quisermos evitar revoltas anárquicas, toda a espécie de violência, e uma grande crispação e mal estar social, teremos de ter a coragem de fazer as reformas que se impõem, não com os olhos nos cifrões mas nas pessoas.

Sou socialista, republicano e laico, disse-o para separar as águas, num momento de alguma ambiguidade em que muitos pareciam convergir sem saber bem em quê. Repito-o agora, muitos anos passados, que estou fora do jogo político-partidário.

Sou socialista porque acredito no progresso, incluindo o progresso moral. Porque acredito no desenvolvimento sustentado, com dimensão ecológica e social, nos Direitos Humanos e no Direito Internacional. Sou Socialista porque quero a paz, fundada no respeito pela diversidade dos Povos e das Culturas, no diálogo entre religiões e pessoas, independentemente das suas etnias, crenças, sexos, opções políticas e condições sociais e, finalmente, na Justiça.

Para mim, o socialismo é indissociável da liberdade, do respeito pelos outros e pelo que é diferente de nós. Sou socialista porque acredito na capacidade humana para transformar as sociedades, de modo a serem mais justas e humanizadas. Sou socialista mas não quero impor o socialismo aos outros, muito menos pela força. Acredito na persuasão e no voto como meio de dirimir pacificamente os conflitos. Sou socialista e a favor do mercado e da livre iniciativa. Mas o mercado não é, para mim, um Deos ex-maquina. Produz injustiças e desigualdades, que cumpre ao Estado corrigir. Por isso, não acredito no neo-liberalismo, como sistema universal, que tem dominado as sociedades, desde o colapso do comunismo e, através da globalização desregulada, está a produzir as maiores desigualdades e muita exploração no interior das sociedades, mesmo as mais desenvolvidas e entre os Estados ricos e pobres.

Caros Amigos,

Estamos num mau momento, em Portugal, na Europa e no Mundo. Mas "só é vencido quem desiste de lutar" – tenho essa experiência vivida e entranhada entre as minhas mais sólidas convicções.

Atrás de tempo, tempo vem. Tenhamos confiança em nós próprios e nas gerações que nos sucedem. Não falo de uma esperança vã, ilusória. Falo de uma esperança que radica na nossa própria determinação e capacidade de lutar e na confiança nos outros. Sobretudo, nos mais novos.

Costumo dizer que na Política como nos vinhos, há bons e maus anos, boas e más colheitas. Tenhamos esperança nas próximas safras.

Portugal é um Estado-Nação, com uma velha e gloriosa história de que todos nos orgulhamos, com uma posição geo-estratégica incomparável e grandes recursos humanos. Com

uma fortíssima identidade nacional. Portugal soube sempre ultrapassar as crises, com que se confrontou ao longo dos séculos. Algumas tremendas.

Não há, pois, Caras Amigas e Amigos, razões para nos deixarmos cair no pessimismo ou para depormos as "armas da razão". Tudo depende de nós, portugueses. Façamos frente, com coragem e determinação, ao mau tempo e empenhemo-nos, resolutamente, em construir dias melhores, para todos!

Muito obrigado!